



ROBERT BRYNDZA

O ÚLTIMO FÔLEGO

Tradução de
Ana Lourenço

alma
dos
livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

LAST BREATH © Robert Bryndza 2017
© 2018 Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Título: *O Último Fôlego*
Título original: *Last Breath*
Autor: Robert Bryndza
Tradução: Ana Lourenço
Revisão: Silvina de Sousa
Paginação: Maria João Gomes
Arranjo de capa: Duarte Lázaro/Alma dos Livros
Imagens de capa original: Henry Steadman
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.
ISBN: 978-989-8907-18-9
Depósito legal:
1.ª edição: abril de 2018

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

Para Veronika, Filip e Evie

Os monstros mais assustadores são os que se escondem nas nossas almas...

Edgar Allan Poe

Prólogo

SEGUNDA-FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 2016

Eram três da manhã, e o fedor do cadáver enchia o carro. Há vários dias que o calor não abrandava. Ele ligou o ar condicionado no máximo, mas o cheiro do corpo continuava a chegar-lhe do porta-bagagens. Apodrecia rapidamente.

Tinham passado duas horas desde que a pusera lá. As moscas não a largavam, e ele tivera de esbracejar no escuro para as manter afastadas. Achara graça aos seus movimentos. Se ela ainda estivesse viva, também poderia ter-se rido.

Apesar do risco, apreciou aquela incursão noturna, conduzir pela autoestrada deserta e entrar em Londres pelos subúrbios. Duas ruas antes, desligou os faróis e, quando virou para uma rua residencial degradada, desligou o motor. O carro deslizou em silêncio, passou pelas casas com as janelas às escuras, e chegou ao fundo da colina onde surgiu uma pequena gráfica deserta. Ficava recuada da estrada e tinha parque de estacionamento. Havia árvores altas no passeio que o mergulhavam nas sombras, e a poluição luminosa da cidade lançava um brilho alaranjado sobre a paisagem. Virou para o parque, dando alguns solavancos ao pisar as raízes das árvores que levantavam o alcatrão.

Parou junto aos contentores do lixo ao lado da entrada da gráfica, o carro guinado para a esquerda, deixando o porta-bagagens a menos de trinta centímetros do último caixote.

Ficou em silêncio por um momento. As casas em frente estavam ocultas pelas árvores, e no sítio onde a fila de casas geminadas

encontrava o estacionamento havia apenas uma parede de tijolo. Inclinou-se para o porta-luvas e tirou um par de luvas de látex. Saiu do carro e sentiu o calor irradiar do alcatrão rachado. As luvas ficaram molhadas por dentro em segundos. Quando abriu a mala, voou de lá uma varejeira que pousou no seu rosto. Afastou-a com as mãos.

Abriu a tampa do caixote do lixo; o cheiro atingiu-o, e saíram moscas que tinham estado ali a pôr ovos. Enxotou-as com um grito e cuspidelas, depois recuou para junto do carro.

Ela era muito bonita, fora-o até ao fim, horas antes, quando chorara e implorara, o cabelo oleoso, a roupa suja. Agora mostrava-se flácida. O corpo tornara-se desnecessário, tanto para ela como para ele.

Num movimento fluido, içou-a do porta-bagagens e deitou-a em cima dos sacos pretos do lixo, depois fechou a tampa do caixote. Olhou em volta; estava sozinho, mais ainda depois de a largar. Voltou para o carro e iniciou a longa viagem até casa.



Na manhã seguinte, a vizinha da casa em frente dirigiu-se aos contentores ao lado da entrada da gráfica com um grande saco. No dia anterior não houvera recolha de lixo. Tinha sido feriado, e os cunhados e o seu bebé tinham passado a noite com ela. Abriu a tampa do primeiro caixote e uma nuvem de moscas voou na sua direção. Ela recuou, enxotando-as. Então viu, em cima dos sacos pretos, o corpo de uma jovem. Fora brutalmente espancada: tinha um olho inchado, cortes na cabeça e estava coberta de moscas devido ao calor da manhã.

O cheiro atingiu-a a seguir. Deixou cair o saco e vomitou no alcatrão quente.

1

SEGUNDA-FEIRA, 9 DE JANEIRO DE 2017

A inspetora-chefe Erika Foster observou o detetive James Peterson enquanto este sacudia flocos de neve que derretiam do seu cabelo curto com rastas. Era alto e magro, com a mistura certa de arrogância e encanto. As cortinas estavam corridas por causa da neve lá fora, a televisão emitia um ruído suave em fundo, e a pequena *kitchenette* encontrava-se banhada pela luz suave e quente de duas lâmpadas novas. Depois de um longo dia no trabalho, Erika contava tomar um banho quente e deitar-se cedo, mas a seguir Peterson ligou da loja de *fish and chips* ao virar da esquina, a perguntar se ela tinha fome. Antes que pudesse pensar numa desculpa, disse que sim. Tinham trabalhado juntos em várias investigações de homicídios bem-sucedidas, quando Erika era chefe de Peterson, mas agora estavam em unidades diferentes: Peterson pertencia à Equipa de Investigação de Homicídios, e Erika à de Projetos: um cargo que ela detestara desde o primeiro momento.

Peterson foi até ao aquecedor e pousou cuidadosamente a toalha, depois virou-se para ela com um sorriso.

– Há uma tempestade de neve lá fora – disse, pondo as mãos em concha e soprando nelas.

– Tiveste um bom Natal? – perguntou ela.

– Sim, com os meus pais. O meu primo ficou noivo – respondeu, despindo o blusão de cabedal.

– Parabéns... – Não se lembrava se já tinha ouvido falar de um primo.

– E tu? Estiveste na Eslováquia?

– Sim, com a minha irmã e respetiva família. Partilhei um beliche com a minha sobrinha... Queres uma cerveja?

– Adorava.

Ele atirou o casaco para as costas do sofá e sentou-se. Erika abriu a porta do frigorífico e olhou lá para dentro. Tinha seis latas enfiadas na gaveta dos legumes, e a comida limitava-se a uma panela de sopa com alguns dias na prateleira de cima. Verificou o seu reflexo no lado curvo da panela de aço inoxidável, mas a forma do metal distorceu-o, dando-lhe um rosto encolhido e uma testa saliente, como numa casa de espelhos. Devia ter mentido educadamente e dizer que já comera.

Meses antes, depois de irem ao *pub* com colegas, Erika e Peterson tinham acabado na cama juntos. Embora nenhum deles sentisse que era *apenas* uma coisa passageira, no trabalho mantiveram-se profissionais. Haviam passado mais duas noites juntos antes do Natal, e de ambas as vezes ela saíra da casa dele antes do pequeno-almoço. Mas agora Peterson encontrava-se no seu apartamento, estavam sóbrios, e ela via a fotografia emoldurada do falecido marido, Mark, na estante junto à janela.

Tentou afastar da mente a ansiedade e a culpa, pegou em duas cervejas e fechou a porta do frigorífico. O saco de plástico vermelho e branco com o peixe frito e as batatas fritas estava na bancada, e o aroma que emanava fê-la salivar.

– Queres comer isso embrulhado no papel? – perguntou ela, abrindo as garrafas de cerveja.

– É a única maneira de o comer – respondeu Peterson.

Tinha um braço estendido sobre as costas do sofá e um tornozelo apoiado no joelho da outra perna. Parecia confiante.

Erika sabia que aquilo daria cabo do ambiente, mas precisavam de conversar; tinha de estabelecer alguns limites. Pegou em dois pratos e levou-os, com o saco e as cervejas, para a pequena mesa do café. Desembrulharam o papel em silêncio, o vapor a sair do peixe frito e das batatas fritas douradas. Durante algum, dedicaram-se a comer.

– Olha, Peterson, James... – começou Erika.

O telemóvel dele tocou e tirou-o do bolso.

– Desculpa, tenho de atender.

Erika assentiu.

Ele ouviu com a testa franzida.

– A sério? Certo, não há problema, qual é a morada? – Pegou numa caneta que se encontrava em cima da mesa e começou a rabis-car no canto do papel das batatas fritas. – Estou perto. Posso sair agora e aguentar o batente até a senhora chegar... Com este tempo, conduza devagar. – Desligou, enfiou algumas batatas fritas na boca e levantou-se.

– O que aconteceu? – perguntou Erika.

– Uns estudantes encontraram o corpo mutilado de uma jovem num caixote do lixo.

– Onde?

– Tattersall Road, perto de New Cross... Caramba, estas batatas são mesmo boas! – exclamou ele, enfiando mais na boca. Tirou o blusão de cabedal das costas do sofá e verificou se tinha a identificação, a carteira e as chaves do carro.

Erika sentiu outra onda de arrependimento por já não integrar a Equipa de Investigação de Homicídios.

– Desculpa, Erika, tem de ficar para a próxima, devia ter a noite livre. O que ias dizer há pouco?

– Tudo bem. Não era nada. Quem te ligou?

– A inspetora-chefe Hudson. Está presa na neve. Ou melhor, não propriamente presa, mas vem do centro de Londres e as estradas estão perigosas.

– New Cross fica perto, vou contigo – disse ela, pousando o prato e tirando a carteira e a identificação da bancada da cozinha.

Peterson seguiu-a até ao corredor, vestindo o blusão. Erika verificou o seu reflexo no pequeno espelho, limpando a gordura das batatas fritas do canto da boca e passando as mãos pelo cabelo loiro curto. Não usava maquilhagem e, apesar das maçãs do rosto altas, notou que a cara parecia mais cheia depois de uma semana de comida natalícia. Os seus olhos encontraram os de Peterson no espelho, e Erika reparou que a expressão dele ficara carregada.

– Algum problema?

– Não, mas vamos no meu carro – respondeu ele.

– Não. Eu levo o meu.

– Estás a valer-te do teu posto?

– Do que estás a falar? Tu vais no teu carro, e eu no meu. Sigo atrás de ti.

– Erika. Vim aqui para partilhar peixe e batatas fritas...

– *Apenas* peixe e batatas fritas? – questionou ela.

– O que significa isso?

– Nada. Recebeste uma chamada de trabalho, e é razoável que eu, como tua superior, vá ao local. Mais ainda, se a inspetora-chefe Hudson está atrasada... – Calou-se; sabia que estava a abusar.

– «Tua superior». Não me deixas esquecer isso, pois não?

– Espero que não te esqueças – retorquiu, vestindo o casaco. Apagou as luzes e saíram do apartamento num silêncio confrangedor.

2

A neve caía pesadamente, colando-se aos faróis do carro de Erika enquanto ela deixava a fila de veículos que passava pela estação de comboios de New Cross e virava para Tattersall Road. Momentos depois, Peterson surgiu atrás dela. Na esquina, onde as duas estradas se encontravam, havia uma loja de cozinhas com um grande parque de estacionamento à frente. O pavimento estava branco, refletindo as luzes azuis dos três carros-patrolha ali parados. A fila de casas geminadas estendia-se pela colina, e Erika reparou que alguns dos moradores estavam diante das portas iluminadas, vendo a fita da polícia a ser desenrolada a fim de isolar o parque da loja, que dava para a primeira casa da rua. Erika ficou satisfeita ao ver a inspetora Moss diante da fita da polícia a conversar com um agente fardado. Era uma colega de confiança; com Peterson, tinham trabalhado juntos em várias investigações de homicídios. Erika e Peterson estacionaram do outro lado da rua e a seguir atravessaram-na.

– É bom vê-la, chefe – disse Moss, levantando as lapelas do casaco para se proteger da neve. Era uma mulher baixa e robusta, com cabelo ruivo curto e rosto sardento. – Está aqui em trabalho?

Erika respondeu «sim», ao mesmo tempo que Peterson dizia «não».

– Importa-se de nos dar um momento? – pediu Moss ao agente.

Ele assentiu e afastou-se em direção a um dos carros-patrolha.

– Eu estava com o Peterson quando ele recebeu o telefonema – explicou Erika.

– É sempre bom tê-la presente, chefe – respondeu Moss. – Apenas parti do princípio de que a inspetora-chefe Hudson estaria à frente do caso.

– Fico aqui até ela chegar – disse Erika, semicerrando os olhos para os proteger da neve.

Moss olhou para ela e para Peterson, e instalou-se um silêncio confrangedor.

– Então, posso ver aquilo com que lidamos? – perguntou Erika.

– Encontraram o corpo de uma jovem, bastante maltratado – esclareceu Moss. – O mau tempo também está a atrasar a equipa técnica. Os agentes responderam ao telefonema; um dos alunos que vivem naquela última casa foi ao caixote do lixo e encontrou o corpo.

– Temos macacões disponíveis? – perguntou Erika.

Moss assentiu. Aproximaram-se da fita da polícia à entrada do parque de estacionamento, e houve uma pausa embaraçosa enquanto Erika esperava que Peterson a levantasse para ela passar. Lançou-lhe um olhar, ele levantou a fita, e ela entrou no parque.

– Oh, diabo, agora são um casal? – murmurou Moss com os seus botões. – Dizem para nunca trabalharmos com crianças ou animais, mas não mencionam casais.

Seguiu-os, e juntou-se a Erika e Peterson a vestir um macacão próprio para o cenário do crime. Então passaram por baixo da fita da polícia e aproximaram-se de um contentor do lixo preso com uma corrente à parede de tijolo da loja de cozinhas. A tampa estava aberta. Moss dirigiu o poderoso feixe de uma lanterna para o interior do contentor.

– Meu Deus – murmurou Peterson, recuando e tapando a boca com a mão.

Erika não se encolheu, limitou-se a olhar fixamente.

Deitado sobre o lado direito, em cima de uma pilha de caixas de cartão desmanchadas, encontrava-se o corpo de uma jovem mulher. Fora espancada; tinha os olhos inchados e o cabelo castanho comprido manchado de sangue seco. Estava nua da cintura para baixo, e as pernas apresentavam-se cobertas de cortes. Vestia uma pequena *T-shirt*, mas era impossível dizer a cor, pois também estava repleta de sangue.

– E vejam – disse Moss baixinho. Apontou a lanterna para uma depressão no crânio da rapariga.

– E foram estudantes que a encontraram? – perguntou Erika.

– Estavam à espera cá fora quando os agentes chegaram – informou Moss. – Pode ver que a porta deles dá para o parque; portanto, não pudemos deixá-los entrar quando isolámos o cenário do crime.

– Onde estão?

– Os agentes meteram-nos num carro estacionado um pouco mais acima.

– Vamos fechar isto até a equipa forense chegar – sugeriu Erika, vendo a neve a formar uma camada fina sobre o corpo e as caixas de cartão.

Com as mãos enluvadas, Peterson agarrou na tampa e, lentamente, baixou-a, protegendo o corpo dos elementos.

Ouviram vozes junto à fita da polícia e o bipe de um rádio. Aproximaram-se de onde a inspetora-chefe Hudson, uma mulher pequena e loura, se encontrava com o superintendente Sparks, um homem alto e magro de rosto longo e pálido cheio de cicatrizes de acne. Tinha o cabelo preto oleoso penteado para trás e o fato amarrotado.

– Erika, o que faz aqui? Da última vez que tive notícias suas, estava numa galáxia bem distante – comentou ele.

– Estou em Bromley – respondeu Erika.

– É a mesma coisa.

A inspetora-chefe Hudson reprimiu um sorriso.

– Sim, é tudo muito engraçado – ironizou Erika. – Tal como a rapariga que foi espancada até à morte e largada naquele contentor...

Hudson e Sparks deixaram de sorrir.

– A Erika estava apenas a ajudar. O mau tempo atrasou a chegada das equipas, e ela vive aqui perto – explicou Moss.

– Ela estava comigo quando recebi o telefonema. Também vivo aqui perto – começou Peterson, mas Erika lançou-lhe um olhar.

– Estou a ver – comentou Sparks, reparando no olhar. Fez uma pausa, como se arquivasse a informação na mente para uso posterior contra ela. Então aproximou-se da fita e levantou-a com uma mão enluvada.

– Não se esqueça de entregar o macacão, Erika. Depois espere por mim lá fora. Temos de conversar.

Moss e Peterson abriram a boca para falar, mas Erika abanou a cabeça e dirigiu-se para a fita.

3

Erika saiu da cena do crime e subiu a rua, circulando junto à luz alaranjada de um dos candeeiros. A neve caía a rodopiar, e ela curvou-se, levantando a gola do casaco e enfiando as mãos nos bolsos. Sentia-se impotente ali, posta de lado, e viu a carrinha preta da polícia científica estacionar frente à fita. Apesar da baixa temperatura, não queria voltar para o carro. Tinha no porta-luvas um maço de tabaco para as emergências. Deixara de fumar há meses, mas em momentos de stresse ainda sentia a falta da nicotina. No entanto, recusava-se a permitir que Sparks a fizesse ceder e acender um cigarro. Ele surgiu minutos depois, e caminhou até ela.

– Erika, porque está aqui? – perguntou. À luz do candeeiro, ela reparou que o cabelo de Sparks tinha zonas grisalhas, e que ele parecia muito magro.

– Já lhe disse, soube que a inspetora-chefe Hudson estava atrasada.

– Quem a informou?

Erika hesitou.

– Estava com o Peterson quando ele recebeu o telefonema, mas gostaria de deixar claro que a culpa não é dele. Não lhe dei qualquer alternativa.

– Estava *com* ele?

– Sim...

– A saborear uma coisa diferente, hein? – perguntou, com um sorriso malicioso.

Apesar do ar gelado, Erika sentiu calor na cara.

– Isso não é da sua conta.

– E a minha cena do crime não é da sua conta. Sou responsável pelas Equipas de Investigação de Homicídios. Você não trabalha para mim e não é bem-vinda. Então, vá-se lixar e ponha-se na alheta.

Erika aproximou-se e olhou-o nos olhos.

– O que disse?

O hálito dele era desagradável.

– Ouviu bem, Erika. Ponha-se na alheta. Não está aqui para ajudar, mas a intrometer-se. Sei que pediu transferência para uma das Equipas de Investigação de Homicídios. Que ironia, tendo em conta a sua atitude quando fui promovido.

Erika olhou para Sparks. Sabia que ele a odiava, mas no passado houvera uma certa cortesia entre os dois.

– Não se atreva a falar assim comigo outra vez – disse ela.

– Não fale assim comigo outra vez, *meu superintendente*.

– Sabe, Sparks, pode ter alcançado o seu posto superior engrangando os chefes, mas tem de merecer a autoridade – declarou Erika, sustentando-lhe o olhar.

A neve caía com mais intensidade, em grandes pedaços fibrosos que se prendiam ao casaco dele. Erika recusou-se a pestanejar ou a desviar o olhar. Um agente aproximou-se, e Sparks foi forçado a fitá-lo.

– O que foi? – perguntou.

– Chegou a equipa forense, e pedimos ao gerente da loja que viesse cá, para podermos ligar as nossas luzes à rede dele.

– Quero-a fora daqui – disse Sparks.

Dirigiu-se à fita da polícia com o agente, os sapatos de ambos a deixar pegadas frescas na neve.



Erika respirou fundo e recompôs-se, sentindo lágrimas nos olhos.

– Deixa-te disso, ele é apenas mais um idiota – admoestou-se.

– Podias ser tu naquele caixote do lixo.

Limpou as lágrimas e dirigiu-se ao carro, passando por um carro-patrolha com a luz interior acesa. As janelas começavam a embaciarse, e lá dentro distinguiu a custo três jovens: duas raparigas atrás e um jovem loiro à frente. O rapaz debruçara-se sobre o espaço entre os assentos, e estavam concentrados a conversar. Erika parou.

– Oh, que se lixe – murmurou.

Virou-se e voltou para junto do carro. Certificando-se de que não havia ninguém por perto, bateu na janela e depois abriu a porta, mostrando a identificação.

– Vocês são os estudantes que encontraram o corpo? – perguntou. Eles olharam para ela e assentiram, ainda com expressões de choque. Não pareciam ter mais de dezoito anos. – Já falaram com alguém? – acrescentou, curvando-se para o interior do carro.

– Não, estamos aqui há séculos; mandaram-nos esperar, mas estamos gelados – disse o rapaz.

– O meu carro está do outro lado da rua. Vamos conversar com o aquecimento ligado – sugeriu Erika.